

Residências em comunicação popular e programação diversa: estratégias de inovação da rádio universitária Paulo Freire¹

Gustavo Cabrera Christiansen
(Universidade Federal de Pernambuco)
(g.cabrera.christiansen@gmail.com)
ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1983-7930>

Giovana Borges Mesquita
(Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco)
(giovana.mesquita@ufpe.br)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6569-4515>

Gustavo Cabrera Christiansen (short bio): É mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, com bolsa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). Na sua dissertação de mestrado analisou o funcionamento da Rádio Paulo Freire, emissora criada por Paulo Freire no ano de 1962. É graduado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Buenos Aires. Trabalha com Comunicação Comunitária e Popular, produzindo programas de rádio e realizando formação em Comunicação Comunitária e Popular.

Giovana Borges Mesquita (short bio): Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco e professora adjunta do curso de Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. Líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Contemporaneidade (Cnpq). Autora do livro *Intervenho, logo existo: a Audiência Potente e as novas relações no Jornalismo* (Insular). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com estágio doutoral na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona (ES).

¹ Este artigo é um fragmento de uma pesquisa mais ampla, que resultou na dissertação de mestrado intitulada *Rádio Paulo Freire: desafios de uma rádio vinculada à Universidade Federal de Pernambuco*, realizada por Gustavo Cabrera Christiansen, com bolsa FACEPE, sob orientação da professora Dr.^a Giovana Borges Mesquita.

Submissão: 19/07/2025

Aceitação: 02/12/2025

Residências em comunicação popular e programação diversa: estratégias de inovação da rádio universitária Paulo Freire

Resumo (PT): Este artigo propõe-se analisar o projeto «Residências em Comunicação Popular» e a programação da Rádio Paulo Freire (RPF), emissora pertencente à Universidade Federal de Pernambuco, como formas inovadoras que a rádio, criada por Paulo Freire na década de 1960, vem adotando. Pensamos as Residências em Comunicação Popular e a programação, assumindo a inovação como efeito (Rossetti, 2013). Apresentamos um breve histórico da Rádio Universidade do Recife (hoje RPF); observamos as especificidades das emissoras universitárias e os motivos para defini-las dentro da radiodifusão pública; e analisamos a programação e as Residências. Metodologicamente, além da revisão bibliográfica, analisamos documentos da emissora, assim como realizamos observação participante e entrevistas com a equipe. Consideramos que as Residências e a Chamada Pública se apresentam como estratégias inovadoras.

Palavras-chave: Residências em Comunicação Popular; Radiodifusão Pública; UFPE; Rádio Paulo Freire; Programação

Residencies in popular communication and diverse programming: innovation strategies of the Paulo Freire university radio

Abstract (EN): This article proposes to analyse the project «Residencies in Popular Communication» and the programming of Rádio Paulo Freire (RPF), a broadcaster belonging to the Federal University of Pernambuco, as innovative forms that the radio, created by Paulo Freire in the 1960s, has been adopting. We think about the Residencies in Popular Communication and programming, assuming innovation as an effect (Rossetti, 2013). We present a brief history of Rádio Universidade do Recife (today RPF); we observed the specificities of university broadcasters and the reasons for defining them within public broadcasting; and we analysed the program and the Residencies. Methodologically, in addition to the literature review, we analysed documents from the station as well as carried out participant observation and interviews with the team. We consider that the Residencies and the Public Call are innovative strategies.

Keywords: Residencies in Popular Communication; Public Broadcasting; UFPE; Paulo Freire Radio; Programming

Introdução

Este artigo propõe-se analisar o projeto Residências em Comunicação Popular e a programação da Rádio Paulo Freire (RPF), emissora localizada na cidade do Recife, estado de Pernambuco,² Brasil, pertencente à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como formas inovadoras que a emissora, criada pelo patrono da Educação, Paulo Freire, na década de 1960, vem adotando.

Como pontua Rossetti (2013), a inovação não apresenta uma definição unívoca, pois muitos são os entendimentos possíveis acerca deste conceito e maior ainda o número de termos correlatos.

Entendemos que podemos pensar o projeto Residências em Comunicação Popular e a programação da Rádio Paulo Freire (RPF), assumindo a inovação como efeito, ou seja, “a inovação indica o próprio produto novo e diz respeito tanto à coisa nova que surge do ato de inovar como ao sujeito que se inova” (Rossetti, 2013, p. 65).

Segundo a autora, apesar de a inovação, no campo da Comunicação, ser mais evidente nas interfaces tecnológicas e nas novas mídias, ela também está presente:

no impacto social das novas tecnologias de comunicação e informação, no novo receptor, agora produtor e interativo, nos processos cognitivos, nas linguagens, na estética e até mesmo em novas abordagens metodológicas e teóricas de comunicação. E complementa que a inovação é um fenômeno social, por englobar não apenas questões “tecnológicas”, mas também “simbólicas” (Rossetti, 2013, p. 64).

Dentro desse entendimento, procuramos refletir e relatar como a RPF inova ao procurar solucionar dificuldades na ocupação da grade de programação da emissora. Uma das pioneiras na radiodifusão universitária, atualmente a RPF é gerida por um grupo de

² Pernambuco é um dos nove estados do Nordeste brasileiro, reconhecido pela diversidade de expressões da cultura popular, como coco, frevo, capoeira e maracatu, dispersas por todo seu território, desde o litoral até o sertão. Da mesma forma, o estado é conhecido por possuir um vasto patrimônio histórico, artístico e arquitetônico.

Recife é a capital do estado de Pernambuco. Segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022, a cidade tinha 3,7 milhões de habitantes, sendo o quinto aglomerado urbano mais populoso do país. A cidade é conhecida como Veneza brasileira já que é atravessada pelos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipió, dentre outros, criando assim ilhas, penínsulas e manguezais. Paulo Freire nasceu no Recife, no dia 19 de setembro de 1921.

professores/as vinculados/as ao Departamento de Comunicação da UFPE e sua equipe é composta principalmente por estudantes dos cursos de Comunicação devido a seu caráter de rádio-escola.

Ao refletir sobre as emissoras universitárias públicas, consideramos que elas podem assumir maior protagonismo no cenário de concentração midiática brasileiro, com ações inovadoras, ainda que a mídia pública sofra com a falta de investimentos e com a ingerência política (Kischinhevsky, 2019). Esse protagonismo pode ser assumido na medida que as emissoras universitárias públicas apresentem uma diversidade em suas grades de programação, o que acena para a possibilidade de serem espaços fundamentais para a democratização do acesso à informação e ao conhecimento, bem como para a comunicação pública e educativa (Kischinhevsky, 2022).

O artigo, que é um fragmento de uma pesquisa mais ampla, utiliza como um dos seus procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica sobre rádios universitárias e radiodifusão pública. Como indicam Marconi e Lakatos (2003, p. 183), este procedimento tem como objetivo:

colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, [...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

Da mesma forma, analisamos documentos relativos ao funcionamento da RPF, como a Resolução n.º 02/2018 do Conselho de Administração da UFPE (CONSAD) e os editais da Chamada Pública para a grade de programação e para a seleção de bolsistas para o projeto das Residências em Comunicação Popular.

Além disso, realizamos observação participante para conhecer a rotina da emissora, durante a qual acompanhamos todos os dias da semana³ a produção e apresentação dos programas. Como bem assinala Peruzzo (2010), o papel do pesquisador é se inserir no grupo pesquisado, participando das atividades, “ou seja, acompanha e vive a situação concreta que abriga o objetivo de sua investigação” (Peruzzo, 2010, p. 134). E, por último, fizemos entrevistas em profundidade com a equipe da RPF,⁴ a partir de questionários

³ Acompanhamos a rotina da RPF, nos seguintes dias do ano 2024: segunda-feira (30/09); terça-feira (24/09); quarta-feira (25/09); quinta-feira (19/09 e 26/09); e sexta-feira (04/10). Na quinta-feira acontecia a reunião de pauta com a participação da maioria da equipe e foi sugerido por um dos técnicos da emissora começar a observação nesse dia. Também priorizamos dias e turnos nos quais havia os programas ao vivo.

⁴ As entrevistas com a equipe da emissora foram com: a coordenadora geral e pedagógica; a coordenadora

semiestruturados. Entendemos que a entrevista em profundidade é uma conversa na qual o pesquisador indaga um informante sobre uma série de informações que considera relevantes para a sua pesquisa (Duarte, 2010). Essa ferramenta metodológica nos permitirá “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (Duarte, 2010, p. 62).

1. Rádios universitárias como espaços educativos e de comunicação pública

Apesar da longa história rádios universitárias,⁵ a legislação brasileira não oferece uma definição única sobre esse tipo de emissoras (Kischinhevsky et al., 2022;⁶ Mustafá et al., 2020). Como afirma o professor e pesquisador Marcelo Kischinhevsky (2019, p. 14):

As rádios universitárias são tão diversas entre si quanto as diferentes realidades socioculturais do país. Estão vinculadas a universidades públicas (federais, estaduais, municipais), privadas, confessionais e comunitárias. São geridas por núcleos independentes, por estruturas de assessoria de comunicação vinculadas às reitorias ou por unidades acadêmicas. Apesar disso, [...] são todas integrantes do campo de radiodifusão pública e educativa, pois têm um papel muito além da comunicação institucional, dando voz a outros atores sociais sem espaço na mídia comercial e apoiando a formação profissional de estudantes.

Levando em conta essa diversidade de experiências, acompanhamos a conceituação de Sandra de Deus (2003), que identifica duas características centrais nas emissoras universitárias: seu caráter social, por serem rádios públicas vinculadas a Instituições de Ensino Superior (IES) públicas; e, por outro lado, seu funcionamento laboratorial, que visa a formação dos/as estudantes universitários/as.

de programação; o coordenador técnico-operacional; a coordenadora do Laboratório de Imagem e Som, integrante da coordenação ampliada da emissora; e dois estudantes bolsistas da RPF.

⁵ A primeira emissora universitária a entrar em operação no Brasil foi a Rádio da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, no ano de 1950. Mariane Souza de Quadros (2024) informa, na sua dissertação de mestrado intitulada “A pioneira das emissoras universitárias brasileiras: uma história da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”, que a história desta emissora começa no dia 1º de julho de 1950, quando recebeu a outorga para operar em ondas curtas. Por sua vez, a Rádio Universitária UFG da Universidade Federal de Goiás, reivindica ser a primeira emissora universitária do país. Porém, como Zuculoto (2012) explica, esta foi a primeira estação radiofônica a obter uma outorga após a legislação diferenciar os canais de rádios com fins educativos.

⁶ No artigo “Rádios universitárias no Brasil: expansão em risco”, Kischinhevsky et al. (2022) afirmam: “Com atividades que remontam aos anos 1950, antes mesmo da regulamentação da lei da radiodifusão educativa, de 1962, as rádios universitárias não estão previstas no arcabouço regulatório da radiofonia brasileira” (Kischinhevsky et al., 2022, p. 1).

Em relação à função educativa da rádio, trazemos os aportes do pesquisador e educador Mário Kaplún, que atuou em diversos países da América Latina, contribuindo com o rádio educativo. Baseado nas concepções da educação libertadora e emancipadora de Paulo Freire, Kaplún enfatizou o processo educativo permanente e centrado no sujeito. Este é quem descobre, elabora e reinventa os conhecimentos e se apropria destes, partindo da realidade e da experiência de vida individual e coletiva. Essa educação focada no processo preocupa-se não em transmitir informações, mas que “o sujeito aprenda a aprender” (Kaplún, 1998, p. 51). O objetivo é contribuir para a emancipação dos excluídos.

Nesse sentido, ao modelo de educação libertadora corresponde uma forma de compreender a comunicação, entendida como processo de comunicação social e democrática. Para Kaplún (1998), a comunicação deve estar a serviço de um processo educativo transformador, no qual os sujeitos desenvolvem um olhar crítico sobre a realidade, com capacidade de modificá-la. Da mesma forma, precisa ser uma comunicação autêntica, baseada no diálogo e na participação. Por meio desse tipo de comunicação, busca-se estabelecer um diálogo a partir dos conteúdos pensados para e desde a realidade do destinatário, mesmo que à distância.

Uma outra contribuição importante de Mario Kaplún foi inserir a criatividade no processo de produção de programas de rádio. Além disso, ele destacava a necessidade de combinar entretenimento com educação para elaborar programas. Para isso, o comunicador deve utilizar os recursos da linguagem sonora: além da palavra, músicas e efeitos sonoros para dinamizar a programação.

Financiadas por instituições públicas e respeitando sua função educativa, as rádios universitárias são espaços privilegiados para divulgar o conhecimento científico produzido dentro da academia e propor pautas com relevância social, negligenciadas pela mídia tradicional por falta de apelo comercial (Deus, 2003). O distanciamento de pautas estritamente comerciais e a autonomia de funcionamento permitem que essas emissoras sejam espaços de experimentação e aprendizado, aproximando-se da visão de Kaplún sobre uma comunicação como um processo educativo transformador. Por esses motivos, para Kischinhevsky et al. (2022, p. 2), as rádios universitárias são “espaço[s] fundamental[is] para a democratização do acesso à informação e ao conhecimento, bem como para a comunicação pública e educativa”.

São as rádios universitárias que podem cumprir a sua função social de informar e contribuir com a formação cidadã e têm a oportunidade de produzir e divulgar informações que compreendam a diversidade da sociedade e se apropriem das múltiplas fontes existentes nas universidades e também nas diferentes comunidades (Kischinhevsky et al., 2022, pp. 11–12).

A grade de programação das rádios universitárias, segundo Deus (2003), tem de apresentar uma multiplicidade de ideias e correntes do contexto político, social e cultural e garantir a presença de diferentes formas de expressão artística. Assim estas emissoras cumprem com sua função formativa, ao mesmo tempo que difundem perspectivas esclarecedoras dos problemas sociais e das contradições políticas e econômicas que atravessam as sociedades.

1.1. Radiodifusão pública

Junto com Bucci et al. (2012, p. 9), entendemos que a Radiodifusão de Serviço Público é um componente imprescindível para um sistema midiático plural, livre e independente. “Um veículo consolidado de radiodifusão pública [...] constitui-se em elemento complementar aos atores privados e comunitários que configuram os ecossistemas midiáticos — o que é da mais alta relevância para a democracia” (Bucci et al., 2012, p. 9).

O funcionamento da Radiodifusão Pública possui suas próprias especificidades, segundo os diferentes contextos e territórios onde essas experiências acontecem. Entretanto, para esses autores, é possível identificar algumas características que deveriam ser comuns a todos:

- 1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (*accountability*) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes (Bucci et al., 2012, p. 9).

Esses autores enfatizam a independência ao considerarem se uma emissora é pública ou não, particularmente em relação ao Estado, aos governos e ao mercado.

Emissoras públicas só são públicas quando são de fato independentes. [...] Essas emissoras também precisam ser independentes em relação ao mercado. [...] Em se tratando de emissoras públicas, a qualidade da comunicação e da programação é gerada também pela prática da independência — política, administrativa e editorial. Emissoras submissas ao poder ou ao

mercado não geram programações públicas de qualidade, isto é, não oferecem à sociedade as alternativas culturais que estão vocacionadas a oferecer: programações com um olhar crítico, distanciado, do poder e do próprio mercado (Bucci et al., 2012, p. 13).

De acordo com Bucci et al. (2012), essas emissoras devem garantir o direito que a audiência tem de criticar o poder e de imaginar outros mundos possíveis. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2006, p. 29, tradução nossa) “a razão de ser da Radiodifusão de Serviço Público é o próprio serviço público. É organização da difusão pública; dirige-se a todos como cidadãos”.⁷ Do mesmo modo, comprehende-se que os veículos e canais de comunicação desse tipo devem promover o acesso e a participação dos cidadãos na vida pública.

Por sua vez, a UNESCO (2006) identifica quatro princípios que devem reger a Radiodifusão de Serviço Público: a) universalidade — a radiodifusão pública é dirigida a todos/as; b) diversidade — assumindo o seu caráter complementar, respeito aos outros atores midiáticos, considerando a necessidade da pluralidade, em relação tanto aos gêneros dos programas quanto aos temas tratados e públicos; c) independência — a partir da divulgação de uma ampla variedade de ideias e opiniões, que não são submetidas a limitações políticas, privadas ou comerciais; d) diferenciação — indica a necessidade de produzir, difundir e criar conteúdos diferentes dos produzidos por outros veículos de mídia.

Tanto Bucci et al. (2012) quanto a UNESCO (2006) indicam que a natureza e a independência do veículo definem se uma emissora pode ser considerada pública ou não. Para a pesquisadora Valci Zuculoto (2012), as rádios estatais, educativas, culturais e universitárias ainda são classificadas como componentes de um sistema educativo, apesar da confusão acerca de suas natureza e alinhamento legal. Porém, a maior parte delas autodenomina-se, apresenta-se e conceitua-se como emissora pública, mesmo as que têm marcada vinculação estatal (Zuculoto, 2012).

Em seu livro *A programação das rádios públicas brasileiras*, Zuculoto (2012) realiza um percurso cronológico e histórico no qual apresenta as programações de rádios educativas, culturais, universitárias, estatais e públicas. A autora afirma que a construção histórica

⁷ No original: “la razón de ser de la Radiotelevisión de Servicio Público es el servicio público. Es la organización de difusión pública; se dirige a todos como un ciudadano.”

dessas emissoras, em contextos políticos diferentes — como sob regimes democráticos ou ditoriais, sendo estatais ou universitárias —, sempre teve um papel público.

Porque é da natureza destas rádios ter vocação pública e [...] encontrar na programação o primeiro e privilegiado espaço para exercê-la. Afinal, o que é a programação de uma rádio senão o discurso que confere o poder à mídia. Quer dizer, a dimensão pública é inerente a estas emissoras (Zuculoto, 2012, p. 83).

Nas considerações finais de seu livro, a autora reforça que essas emissoras, sejam estatais, sejam universitárias, na gestão e no financiamento, “entendem que com a programação estão se constituindo como rádios públicas ou pelos menos buscando iniciar esta compreensão” (Zuculoto, 2012, p. 225).

2. Breve histórico da rádio AM da Universidade Federal de Pernambuco

O uso educativo do rádio pelo Movimento de Cultura Popular (MCP), que teve Paulo Freire como um de seus fundadores, foi consolidado a partir de 1960. “Era o programa de combate ao analfabetismo que foi implantado através das escolas radiofônicas, com programas de formação que faziam uso de horários em emissoras comerciais” (Reis, 2025, p. 79). Além da experiência do MCP, o Ministério da Educação criou, em 1961, em parceria com a Igreja Católica — por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil —, o Movimento de Educação de Base (MEB), que utilizava as escolas radiofônicas em suas atividades nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. O trabalho dessas escolas visava “conscientização, mudança de atitudes e instrumentação das comunidades” (Reis, 2025, p. 91).

Segundo Reis (2025), toda a experiência que Paulo Freire adquiriu com o programa de alfabetização de adultos pelas escolas radiofônicas, no âmbito do MCP, foi incorporada ao Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, criado em janeiro de 1962. O educador “propôs, no organograma do SEC, um setor de Rádio e Televisão” (Reis, 2025, p. 101). Como um dos braços do SEC,⁸ a Rádio Universidade do Recife AM 820 kHz teve suas primeiras emissões experimentais ainda em 1962, embora a data oficial de inauguração da rádio seja 29 de setembro de 1963.

⁸ O Serviço de Extensão Cultural tinha três divisões: o setor de alfabetização, onde Paulo Freire junto com a sua equipe terminou de sistematizar a experiência de Angicos (RN) e que levaria mais tarde o nome de Método Paulo Freire; a Revista Estudos Universitários, que contava com Luiz Costa Lima como secretário; e o setor de Rádio e TV, onde funcionava a Rádio Universidade do Recife.

Foi o próprio Paulo Freire que nomeou o poeta e tradutor José Laurenio de Melo para assumir o cargo de diretor da Rádio Universidade. José Laurenio, com experiência na BBC de Londres, contou com uma equipe diversificada, integrada, entre outros, pelo poeta e tradutor Sebastião Uchôa Leite, pelo professor Jarbas Maciel, pela comunicadora Maria de Jesus Bacarelli, pelo jornalista Juracy Andrade, pelo matemático e musicólogo Jarbas Maciel, pelo radialista Hugo Martins e pelo estudante Marcíus Cortez. A grade de programação da emissora incluía uma seleção musical que divulgava música popular brasileira e erudita, além de programas que debatiam a realidade brasileira e internacional.

O “Campanha de Alfabetização” foi um dos programas relevantes da Rádio da Universidade do Recife. Veiculado de segunda a sábado, apresentava o trabalho de alfabetização dos círculos de cultura realizados pelo MCP. Da mesma forma, outros segmentos da própria universidade, como o Diretório Central dos Estudantes, participavam da programação.

Essa experiência pioneira foi interrompida pelo golpe militar de abril de 1964. Desde então, a Rádio Universidade perdeu relevância com o surgimento de outros veículos de comunicação vinculados à UFPE: a TV Universitária, em 1968, e a Rádio Universitária FM, em 1979. Com a criação da TV, a equipe da rádio e toda sua produção passaram a funcionar na sede da TVU — localizada na zona norte do Recife —, embora os equipamentos transmissores permanecessem na Cidade Universitária, na zona oeste do Recife. Por problemas técnicos na antena, a emissora ficou fora do ar por 15 anos, entre 1984 e 1999. Solucionado este problema, manteve-se no ar até 2011, quando novamente interrompeu as transmissões, desta vez devido a falhas no transmissor.

Em 2016, a AM retomou sua transmissão, replicando a programação da Universitária FM. No ano seguinte, foi criado um grupo de trabalho (GT) na universidade, com o objetivo de reativar a rádio AM e retomar a produção de programas próprios. O GT foi composto por docentes do Departamento de Comunicação Social (DCOM), representantes do Núcleo de TV e Rádios Universitárias (NTVRU) e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXT). As discussões do GT subsidiaram a Resolução n.º 02/2018 do CONSAD, que estabeleceu a gestão e o funcionamento da emissora. A resolução determinou a mudança do nome para Rádio Paulo Freire — em homenagem a seu fundador — e conferiu-lhe o caráter de rádio-escola.

Atualmente, a RPF integra o Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias da UFPE e é gerida pelo DCOM. A equipe gestora, que assumiu a emissora em 2018, era coordenada pelas professoras Paula Reis, Yvana Fechine e Ana Veloso e pela técnica Catarina Apolônio. Essa equipe enfrentou o desafio de recolocar a emissora no caminho das quatro dimensões universitárias: ensino, pesquisa, extensão e gestão.

Renomeada Rádio Paulo Freire no ano de 2018, a equipe buscou superar os problemas institucionais, como a escassez de recursos, de pessoal e de conteúdos. Como rádio-escola, passou a contar com uma equipe de produção formada majoritariamente por estudantes da UFPE. A emissora integra o NTVRU, mas com autonomia na gestão (ao ser gerida por professores/as do DCOM) e na definição da programação e sua linha editorial. Esse vínculo com o DCOM confere à RPF particularidades, como a eleição de sua coordenação pelo departamento e a veiculação de conteúdos sonoros produzidos nas disciplinas dos cursos do DCOM.

A Resolução n.º 02/2018 também explicitou os princípios e eixos de atuação da RPF. Disponibilizados no seu site, entre seus princípios destaca-se o de Pesquisa e Inovação, definido como:

Sendo uma emissora de rádio de natureza formativa, a Rádio Paulo Freire servirá como laboratório para a pesquisa, inovação e experimentação. Deve atuar como fomentadora à produção de projetos em diversos formatos. Além disso, deve estimular a inovação no processo de ensino-aprendizagem, quer seja agregando diferentes disciplinas num mesmo trabalho, articulando professores e mídias ou integrando as disciplinas com projetos de extensão (Rádio Paulo Freire, s.d.).

Sua missão é a formação dos estudantes dos cursos de Comunicação dos *campi* Recife e Agreste da UFPE, tendo a comunicação pública um dos seus princípios norteadores.

3. As residências em comunicação popular

A RPF aprovou, no ano de 2024, um projeto de Residências em Comunicação Popular,⁹ com financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). O projeto, que começou a ser executado em 2025, possibilitou não só a contratação de comunicadores populares das comunidades como bolsistas, mas também

⁹ Este projeto foi aprovado no edital n.º 18/2024 FACEPE (APQ 1366-6.09/24), sob o título de: “Do monitoramento da mídia hegemônica à prática da comunicação popular: uma experiência de complementaridade de saberes”.

a compra de mobiliários e equipamentos. Segundo a chamada pública para seleção dos/as bolsistas, o objetivo do projeto é: “realizar uma pesquisa-ação orientada pelos fundamentos da Literacia Midiática e da Alfabetização Midiática e Informacional, integrando os saberes acadêmicos e populares, a partir da implementação de uma Estação de Comunicação e Direitos Humanos (ECDH), que será uma experiência-piloto” (Rádio Paulo Freire, s.d.)¹⁰.

Para atingir esses objetivos, as ações são organizadas e articuladas em dois eixos: o letramento midiático, com monitoramento dos veículos de comunicação e formação; e a produção midiática popular, sustentada pelas **Residências em Comunicação Popular** por meio da formação de comunicadores populares que atuam nas comunidades periféricas para produzirem conteúdos sobre, com e para esses territórios na Rádio Paulo Freire, trabalhando a complementaridade de saberes junto à equipe da emissora.

Com a presença de dois residentes em Comunicação Popular na emissora, começaram a ser veiculados os programas de rádio *Cadeira na rua*, às quartas-feiras, às 11h, ao vivo, e *Luneta*, transmitido às quintas-feiras, também às 11h. Ambos os programas são resultados das ações do projeto Residências em Comunicação Popular.

Luneta: um olhar crítico sobre a mídia é um programa que, como o próprio nome indica, tem uma perspectiva crítica sobre as mídias. Dentre os temas apresentados e debatidos, o programa já abordou: Mídia independente; Mulher e mídia: uma pauta desigual; Os limites da liberdade de expressão; Mídia e conflito (sobre a cobertura jornalística do conflito entre Israel e a Palestina); Mídia, poder e violações; Desafios do Jornalismo; Poder e regulação das plataformas digitais. O primeiro programa do *Luneta* foi ao ar em 30 de abril de 2025.

Já *Cadeira na rua* apresenta questões e temas vinculados à vida nas comunidades e periferias do Recife e da Região Metropolitana. O primeiro programa foi veiculado em 14 de maio de 2025. Nos dois meses de transmissão, a produção já abordou temas como: Mulheres de terreiro; Grupo Mulher Maravilha; Acorda povo de Peixinhos; Quadrilhas juninas; Lambe-lambe: uma expressão artística das ruas; Cinema periférico como um ato político; Educação antirracista; e Acesso aos livros.

¹⁰ <https://sites.ufpe.br/rpf/selecao-de-bolsistas-e-voluntarios/>

Embora ainda em andamento, o projeto Residências em Comunicação Popular já se configura como uma experiência inovadora, na medida que indica tentativas, por parte da RPF, tanto de estimular a participação social na emissora quanto de contribuir para a formação de novos agentes de comunicação, por meio da produção compartilhada de conteúdos alinhados aos interesses das comunidades e da emissora.

Na fala do coordenador operacional da RPF, Igor Cabral (comunicação pessoal, 29 de outubro de 2024), as Residências são possibilidades de diálogo entre a universidade e a comunidade (suas organizações, representantes e a sociedade civil):

Acho que aquela proposta das residências, que a gente 'tá tentando viabilizar, pode ser uma experiência muito interessante de um piloto, de uma aprendizagem futura, pra gente entender um pouco o que é que significa produzir um conteúdo que seja interessante ao mesmo tempo que didático, ao mesmo tempo que compartilhe os saberes que estão dentro da universidade com aqueles saberes que vêm de fora da universidade.

4. A grade de programação da RPF numa perspetiva inovadora

Para analisar a grade de programação da RPF, observamos inicialmente o que estabelece a Resolução do CONSAD e, em seguida, apresentamos a organização da grade, considerando a composição da programação da emissora.

4.1. Organização da grade

A Resolução n.º 02/2018 do CONSAD é o documento que define quais conteúdos podem ser veiculados pela emissora:

- I - Conteúdos produzidos nas disciplinas e projetos do Departamento de Comunicação Social, do curso de Comunicação Social do Núcleo de Design e Comunicação (CAA) e do NTVRU;
- II - Conteúdos produzidos pela comunidade acadêmica e sociedade civil e selecionados por meio de chamadas públicas para recebimento de propostas de programas;
- III - Conteúdos oriundos da inserção da emissora em redes de veiculação de rádios universitárias, comunitárias e/ou públicas (UFPE, 2018, p. 3).

Ao realizar observação participante e entrevistas com integrantes da RPF,¹¹ compreendemos que sua grade de programação se organiza segundo quatro eixos:

¹¹ No momento de realizar a observação e as entrevistas com a equipe da emissora (entre os meses de setembro a novembro de 2024), o projeto Residências em Comunicação Popular ainda não estava em execução.

- 1) Produções próprias da emissora, como os programas *O que tem para hoje*, *Saúde é o tema*, *Fora da curva*, *Afrossonora* e os *spots Manda no zap*;
- 2) Produções de parceiros da universidade, vinculadas a projetos de extensão (como *Maternagem, Mídia e Infância*) e de professores externos ao DCOM, como o programa *Conversa com Flávio Brayner*;
- 3) Produções de disciplinas do DCOM, como *Nossa Pauta* e *Codinome Resistência*;
- 4) Produções oriundas de Chamada Pública.

Em relação aos programas produzidos pela equipe, a coordenadora de programação, prof.^a Ana Veloso (comunicação pessoal, 19 de novembro de 2024) descreve brevemente as produções: *O que tem para hoje* é um programa de variedades, no formato de revista eletrônica, com uma entrevista central e notas sobre o tema do dia. É veiculado diariamente, das 10h às 11h e das 14h às 15h, de segunda a sexta-feira.

Sobre o *Saúde é o tema*, Veloso (comunicação pessoal, 19 de novembro de 2024) considera que este é um dos programas mais importantes da grade. Da mesma forma, destaca sua relevância através da consolidação de parcerias com instituições como a Escola Pernambucana de Saúde, o Centro Acadêmico de Vitória e professores do curso de Medicina do Centro Acadêmico do Agreste. O programa é semanal, gravado às terças-feiras, das 10h30 às 11h30, em formato de *live* no YouTube, mas é transmitido apenas na quinta-feira, às 11h, após edição.

Fora da curva é um programa de análise política produzido em formato de rodízio pelas professoras vinculadas à coordenação da RPF. É transmitido em cadeia com a Universitária FM, às 11h das sextas-feiras, ao vivo na Rádio Paulo Freire, Universitária FM e pelo YouTube. Veloso (comunicação pessoal, 19 de novembro de 2024) menciona que, anteriormente diário, o programa poderia retomar essa periodicidade com mais recursos humanos trabalhando na emissora.

Afrossonora é um programa semanal sobre música negra, produzido pelo técnico Rafael de Queiroz, transmitido ao vivo às quintas-feiras, das 14h às 15h, com reprise na sexta-feira de manhã.

Os *spots Manda no zap* são áudios curtos (cerca de 1 minuto), com linguagem simples e coloquial, que abordam temas como saúde, cidadania, economia e direitos humanos.

Produzidos semanalmente, circulam principalmente no WhatsApp e são veiculados durante os intervalos da programação.

Em relação ao segundo grupo de programas - produzidos por parceiros vinculados à UFPE - uma das características marcantes dessas produções é a sazonalidade. Por exemplo, *Maternagem, Mídia e Infância* é vinculado a um projeto de extensão e é veiculado em temporadas de poucos episódios. Segundo o coordenador operacional, Igor Cabral (comunicação pessoal, 29 de outubro de 2024), esses programas “extrapolam um pouco a nossa supervisão, eles são conteúdos independentes”. A RPF oferece suporte técnico nas transmissões ao vivo e auxílio na edição quando são programas gravados.

Ainda há as produções vinculadas às disciplinas do DCOM, que no caso são programas produzidos pelas disciplinas ministradas pelas professoras que estão na coordenação da emissora. Os programas *Codinome Resistência* e *Nossa Pauta* são desenvolvidos por estudantes como parte da avaliação da disciplina. Cabral (comunicação pessoal, 29 de outubro de 2024) destaca que estes “são programas que talvez tenham uma produção mais experimental [...] porque a produção fica sob responsabilidade dos estudantes e é um laboratório desses estudantes nas disciplinas”. Essas produções demandam maior acompanhamento da equipe da rádio, principalmente dos técnicos, que auxiliam na operação e avaliação pós-transmissão.

A grade de programação da emissora é preenchida ainda por produções oriundas da Chamada Pública.¹² Esses programas são selecionados por meio de um edital anual, geralmente aberto no segundo semestre. Os proponentes devem enviar propostas através de um formulário *online* e, se pré-selecionados, participar de uma entrevista com a comissão avaliadora. É necessário alinhamento com os princípios da emissora, como não apologia à violência, proselitismo político ou religioso (Cabral, comunicação pessoal, 29 de outubro de 2024).

Entre os programas selecionados para serem transmitidos na grade de programação da RPF, observamos produções vinculadas à universidade, como *MUSICAC*, *Passando a limpo — Arqueologia em evidência*, *O nosso Campus é a cidade, E tem ciência aí?*; outras realizadas por organizações da sociedade civil como o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e Fórum de Mulheres de Pernambuco; produzidos por coletivos de comunicação independente, comunitária e popular (como *Atento*, *Labor*, *Brasil de Fato*

¹² <https://sites.ufpe.br/rpf/chamada-publica/>

Pernambuco, Prosa e Fato, Histórias do Velho Oeste). O público infantil também já foi contemplado com o programa *Cantando e brincando nas ondas do rádio*.

Apesar da relevância, a Chamada Pública não oferece recursos financeiros ou suporte técnico, o que, segundo Yvana Fechine (comunicação pessoal, 12 de novembro de 2024), coordenadora do Laboratório de Imagem e Som, torna a RPF “pouco competitiva” na atração de novos produtores. Ana Veloso (comunicação pessoal, 19 de novembro de 2024) reforça essa dificuldade: “Não tem nem estúdio, nem verba para ajudar na produção, pagar transporte ou alimentação [...] mesmo assim, vários coletivos participam”.

A falta de orçamento próprio é um desafio estrutural, já que a RPF depende da Superintendência de Comunicação da UFPE (Supercom). Conforme Paula Reis (comunicação pessoal, 21 de outubro de 2024), coordenadora geral e pedagógica da RPF:

Já falei com o reitor sobre isso, já falei com o Núcleo. E é difícil viabilizar um edital com recursos financeiros, então ficamos contando com a boa vontade, com a militância de quem manda o programa. Então, já temos a descontinuidade de alguns programas que não conseguem manter o ano completo.

4.2. Outros pontos relevantes sobre organização e composição da grade

Visando garantir a diversidade étnica, religiosa e de orientação sexual em suas produções, a coordenadora geral ressalta que o programa *O que tem para hoje* tematiza as “relações étnico-raciais” (Reis, comunicação pessoal, 21 de outubro de 2024). Portanto, esse programa procura garantir a representação e/ou participação “do cidadão que está sub-representado na mídia hegemônica” (Reis, comunicação pessoal, 21 de outubro de 2024). Durante a observação participante, dois programas realizados ao vivo abordaram essa temática: um com a artista indígena Juliana Xucuru e outro sobre o Teatro Negro.

Ainda sobre as relações étnico-raciais, a grade conta com o programa *Afrossonora*, que tem como foco principal a música negra. Outro programa observado foi *Codinome Resistência*, o qual discutiu a violência de gênero na política. Como mencionado anteriormente, a programação da emissora já incluiu produções — selecionadas por meio da Chamada Pública — que tematizaram questões de gênero, raça e classe.

Em relação ao jornalismo, para Temer et al. (2019), as emissoras universitárias investem pouco, por falta de pessoal, para manter uma grade com notícias atualizadas. No

entendimento da coordenadora geral, tanto os programas *O que tem para hoje* quanto *Fora da curva* têm um perfil jornalístico, enquanto *Saúde é o tema* segue uma “linha mais educativa”. Sobre o tipo de jornalismo exercido pela emissora, Reis (comunicação pessoal, 21 de outubro de 2024) avalia: “Eu acho que é o jornalismo cidadão, um jornalismo que está sempre buscando alertar para as formas de opressão, exploração, querendo promover a leitura crítica da mídia. Está sempre nessa linha contrahegemônica.”

O jornalismo pode ser um diferencial na grade da RPF. A demanda por mais programas jornalísticos na programação da emissora existe desde antes de sua designação como RPF, conforme destacado pela coordenadora geral. Segundo Reis (comunicação pessoal, 21 de outubro de 2024), em 2017, iniciou-se a discussão sobre a “rádio AM ser transformada em uma rádio-escola e ter mais jornalismo”.

Além disso, tanto na observação participante quanto nas entrevistas, evidenciou-se a necessidade de diferenciar a grade das duas emissoras da UFPE, considerando que a RPF está em processo de migração para FM.¹³

Conclusão

Neste artigo, buscamos apresentar estratégias inovadoras adotadas por uma emissora universitária, como a RPF. Após analisar sua grade de programação, observamos que, apesar de uma equipe reduzida, a emissora procura oferecer uma programação diversa e plural.

Identificamos, da mesma forma, duas estratégias que consideramos inovadoras. Por um lado, o edital da Chamada Pública, que busca solucionar dificuldades na ocupação da grade. Reconhecemos a importância da manutenção sistemática dessa iniciativa, que, embora não ofereça recursos financeiros ou suporte técnico para produção, gravação e edição, possibilita uma grade mais ampla e diversificada.

¹³ O processo de migração da frequência AM para FM é um dos entraves centrais que a RPF, junto às autoridades da UFPE, precisa resolver para poder continuar em funcionamento e com emissões regulares. A RPF já conseguiu uma outorga para a transmissão, em Frequência Modulada, porém ainda falta resolver o plano técnico e a compra dos equipamentos para a adequação técnica. As transmissões em Amplitude Modulada (serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local) foram extintas, por meio do decreto N.º 8.139 de 2013, sancionado pelo poder Executivo. Essa medida foi prorrogada até 31 de dezembro de 2023, segundo o Decreto n.º 10.664, prazo limite para a migração das emissoras AM para Frequência Modulada.

Por outro lado, as Residências em Comunicação Popular, que visam não apenas a produção de conteúdos, mas também a vinculação com as comunidades, por meio da participação de comunicadores/as populares no cotidiano da rádio. Ao mesmo tempo, o projeto viabilizou acesso a recursos que, devido à crise orçamentária das universidades públicas brasileiras, seriam inviáveis de outra forma.

Por fim, tanto a Chamada Pública quanto as Residências dizem respeito à participação social, elemento indispensável para caracterizar uma emissora como pública.

REFERÊNCIAS

Bucci, E., Chiaretti, M., & Fiorini, A. (2012). *Indicadores de qualidade nas emissoras públicas — Uma avaliação contemporânea* (Série Debates CI, n.º 10). UNESCO.. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216616>

Deus, S. (2003). Rádios Universitárias Públcas: Compromisso com a sociedade e com a informação. *Em Questão*, 9(2), 327–338

Duarte, J. (2010). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2.ª Ed.) (pp. 62–83). Atlas

Kaplún, M. (1998). *Una pedagogía de la comunicación*. Ediciones de la Torre

Kischinhevsky, M. (2019). Construir conhecimento para democratizar a Comunicação. In E. Albuquerque & N. Meireles (Orgs.), *Rádios universitárias: Experiências e perspectivas* (pp. 11–15). Editora do CCTA

Kischinhevsky, M., Mustafá, I., Machado, L., & Rancan, L. (2022). Rádios universitárias no Brasil: Expansão em risco. In *Anais do 45.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0802202218023162e990e767645.pdf>

Kischinhevsky, M., Mustafá, I., & Vale, S. (2019). Rádios universitárias no Brasil: Diversidade de estruturas e desafios à gestão. In E. Albuquerque & N. Meireles (Orgs.), *Rádios universitárias: Experiências e perspectivas* (pp. 61–77). Editora do CCTA

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica 1.* (5.ª Ed.). Atlas

Mustafá, I., Martin-Pena, D., & Kischinhevsky, M. (2020). Rádios universitárias no Brasil e na Espanha, uma abordagem comparativa. In *Anais do 43.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0578-1.pdf>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2006). *Radiotelevisión de servicio público: Un manual de mejores prácticas*. Oficina de la UNESCO para América Central

Peruzzo, C. (2010). Observação participante e pesquisa-ação. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2.ª Ed.) (pp. 62–83). Atlas

Quadros, M. (2024). *A pioneira das emissoras universitárias brasileiras: Uma história da Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. LUME Repositório Digital UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/275442/001201538.pdf?sequence=1>

Rádio Paulo Freire. (s.d.). *Chamada Pública*. <https://sites.ufpe.br/rpf/selecao-de-bolsistas-e-voluntarios/>

Rádio Paulo Freire. (s.d.). *Princípios*. <https://sites.ufpe.br/rpf/sobre-a-rpf/>

Reis, P. M. (2025). O contexto do rádio no Recife até os anos 1960. In Y. Fechine (Org.), *A rádio que Paulo Freire sonhou* (pp. 79–104). Editora Textos

Resolução n.º 02/2018 (2018, novembro 16). Disciplina o funcionamento e a gestão da Rádio Universitária 820 AM da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE: Conselho de Administração da UFPE. <https://ead.ufpe.br/documents/398575/1383356/Res+2018+02+CONSAD.pdf/8e149c5a-4406-4476-a507-6f4385dac994>

Rossetti, R. (2013). Categorias de inovação para os estudos em Comunicação — Categories of innovation for communication studies. *Comunicação & Inovação*, 14(27), 63–72. <https://doi.org/10.13037/ci.vol14n27.2262>

Temer, A., Esch, C., Rebouças, E., Malcher, M., Prata, N., Del Bianco, N., Lopes, S., & Zuculoto, V. (2019). Mapeamento das condições de funcionamento de rádios vinculadas a instituições públicas de ensino superior. In E. Albuquerque & N. Meireles (Orgs.), *Rádios universitárias: Experiências e perspectivas* (pp. 17–40). Editora do CCTA

Zuculoto, V. (2012). *A programação de rádios públicas brasileiras*. Insular